

RESENHA

AVELAR, Ediana. **O imaginário da formatura: as raízes da Cultura Bacharelesca no Brasil**. Rio de Janeiro: iVentura, 2012, 100p.

Apoteose bacharelesca e distinção social no ritual de formatura

RENATO NUNES BITTENCOURT *

Certamente todo estudante de curso de graduação em qualquer instituição superior de ensino, seja pública ou privada, idealiza com requinte e esmero o acontecimento maior de sua formação universitária, o evento da colação de grau, na qual os anos de dedicação intelectual ao curso são coroados nessa celebração social e acadêmica. Nessas condições, Ediana Avelar, em seu livro *O imaginário da formatura: as raízes da Cultura Bacharelesca no Brasil*, apresenta questões fundamentais atreladas ao processo de formatura do estudante de graduação, enfatizando os aspectos simbólicos, sociais, culturais e econômicos dessa cerimônia, autêntico rito de passagem que insere o bacharel na vida profissional, tornando-o apto a participar de uma nova etapa de sua existência regida pela afirmação de sua maioria intelectual.

As questões fundamentais apresentadas pelo livro são: qual é o valor simbólico da formatura na vida do estudante e quais as razões que motivam a sua continuidade nos espaços universitários? Ediana Avelar realiza uma investigação interdisciplinar desse problema, abordando as disposições psicológicas dos estudantes que vivenciam esse momento tão especial

em suas vidas, aguardado ansiosamente durante anos.

Ao utilizar a teoria do imaginário para analisar o ritual da formatura do estudante de graduação, Ediana Avelar promove uma nova compreensão dos valores e dos aspectos histórico-culturais dos símbolos que envolvem essa prática acadêmica e, ao mesmo, situá-las da dimensão científica. Podemos considerar *O imaginário da formatura* uma espécie de meta-narrativa da vida acadêmica do estudante de graduação, pois aborda justamente a importância social da colação de grau na vida universitária e de que maneira tal solenidade se torna um evento inesquecível para o bacharel. Nessas condições, a interlocução da autora com as ideias de Gilbert Durant e Cornelius Castoriadis se revelam cruciais para o desenvolvimento de sua linha argumentativa, evidenciando a relevância acadêmica de tal tema para os pesquisadores das humanidades. Esse caminho teórico conduz a um entendimento interior subjetivo do agir dos sujeitos e, dentro dessa perspectiva, permite um exame profundo a respeito dos sentimentos dos estudantes em



relação ao momento de celebração de sua própria formatura.

Não há dúvida que a festividade da colação de grau movimenta poderosos nichos mercadológicos, tornando esse evento um sinal de distinção social mesmo entre estudantes que são provenientes de famílias de baixa renda econômica, exigindo-lhes esforços espartanos para que possam arcar com essas despesas, tudo em nome da celebração do momento especial da colação de grau, primeira apoteose da vida universitária. Toda a pompa e circunstância se justificam socialmente para a concretização desse evento único da vida do bacharel. Nesse quesito, mais uma vez a autora fundamenta com desenvoltura a sua pesquisa ao problematizar a teoria de Bourdieu sobre o poder simbólico e a distinção social na composição ideológica do *homo academicus*.

Apesar de toda a emotividade e euforia que se entranham nas ações dos envolvidos com a chegada da formatura, é desconfortável perceber que inúmeros alunos e suas respectivas famílias investem mais com as solenidades da colação de grau do que com os livros e demais materiais didáticos essenciais para o seu aprendizado. As formaturas contemporâneas dos cursos universitários indicam que estas se realizam de modo acrítico e automático, pois são geralmente conduzidas pela convenção instituída na sociedade histórica, geradora de profundas raízes no imaginário social; mais ainda, a celebração do evento da formatura estabelece uma consciência espetacular na subjetividade do estudante em vias de obter o grau de bacharel, tornando a vida acadêmica uma espécie de afirmação da passarela social. A inserção dos parâmetros narcisistas da

sociedade de consumo no mundo acadêmico é um grande nicho mercadológico a ser explorado economicamente, seja por publicitários, produtores de eventos, marqueteiros e afins.

Por conseguinte, será a formatura universitária apenas um rito de passagem de um ciclo educacional, justificada por ser o final de uma jornada árdua de estudos, que demandou anos de esforço e, em muitos casos, pesado investimento financeiro? Além disso, os resquícios do caráter autoritário do patriarcalismo brasileiro e os argumentos persuasivos do mercado de formaturas reforçam e realçam a importância e o valor simbólico desses procedimentos.

Conforme exposto por Ediana Avelar, os ritos e os cerimoniais da diplomação se tornam, ao final do curso de graduação, principalmente quando se aproximam os arranjos da formatura, mais importantes do que todo o programa curricular apreendido durante a passagem do estudante pelo curso universitário, motivando assim problematizações sobre possíveis distorções e afastamentos dos principais objetivos educacionais: a transmissão do conteúdo pedagógico e a formação acadêmica do indivíduo. Toda a trajetória intelectual do indivíduo no curso universitário parece encontrar significação apenas quando ele pode afirmar social seu sucesso mediante sua participação na cerimônia de colação de grau, encontrando-se na necessidade material, todavia, de dispender a quantia financeira requerida para tanto.

Volta e meia obtemos informações pelos meios de comunicação de massa acerca de cerimônias de colação de grau frustradas por problemas técnicos ou principalmente pela ação inescrupulosa

de profissionais do setor que malogram sonhos coletivos de exaltação através das suas falcatuas. Para o consolo das vítimas desses empresários desonestos, poder-se-ia dizer que a festa atrelada ao cerimonial colação de grau é uma futilidade conspícua, pois a circunstância mais importante para a ratificação do processo de formação do estudante universitário se dá no cumprimento dos seus créditos acadêmicos e todas as formalidades institucionais inerentes, como a apresentação de seminários, defesa das monografias de conclusão de curso. Entretanto, por justamente se configurar no imaginário estudantil como um marco especial na graduação acadêmica, o ato de colação de grau se consagra como um rito de passagem que permanece em vigor na sociedade capitalista em que vivemos: radicalmente laica em seus costumes mais aparentes, mas ainda sectária da experiência do sagrado em sua vida privada. Com efeito, a solenidade da colação de grau apresenta analogias com a consagração religiosa do fiel em seu respectivo credo. Se mesmo a instituição matrimonial apresenta no capitalismo tardio sintomas da crise dos tradicionais valores sociais e das experiências afetivas, o mesmo não se

aplica, talvez, aos paradigmas da festa da colação de grau.

Na necessidade social de glorificação pessoal mediante a exaltação do sucesso acadêmico do bacharel em sua colação de grau, ocorre uma curiosa apropriação da experiência épica da *aristia* dos heróis clássicos gregos através de uma transposição espetacular ao estilo dos valores capitalistas da postulada autorrealização pessoal através da dedicação incólume aos preceitos da sociedade de mercado. Se antes Homero imortalizava em suas obras a grandiosidade dos homens guerreiros que serviam de modelo de conduta para as gerações vindouras, na pós-modernidade os bacharéis celebrados no rito da colação de grau conquistam por alguns instantes essa divinização das suas imagens e nomes. Ediana Avelar nos apresenta assim em *O imaginário da formatura: as raízes da Cultura Bacharelesca no Brasil* uma valiosa contribuição teórica para a desmistificação simbólica de um dos mais importantes ritos de passagem chancelados pela cultura tradicionalista brasileira, uma genuína república de bacharéis.

Recebido em 2013-01-22

Publicado em 2013-06-11



*

RENATO NUNES

BITTENCOURT é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA.